

Gregório De Matos: Uma análise da Bahia e da América Portuguesa por meio de suas poesias¹

Mariely Zambianco Soares Sousa²

Esse texto leva em conta a importância da relação entre literatura e história para a análise de autores e de suas obras. Sabemos que a historiografia busca uma objetividade na representação do passado e que a escrita literária não se propõe necessariamente a tal, que mistura o mundo real ao mundo da ficção; sabemos que as duas se utilizam da imaginação, a primeira para pensar nas possibilidades do passado e escrevê-lo com maior coerência e a segunda para criar, inventar; sabemos também que a historiografia se utiliza de documentos e as duas diferem nos métodos. Dessa forma,

O que quer que digam do caráter seletivo da coleta, da conservação e da consulta dos documentos, da sua relação com as perguntas que lhe formula o historiador, ou até das implicações ideológicas de todas essas manobras – o recurso dos documentos marca uma linha divisória entre história e ficção: diferentemente do romance, as construções do historiador visam a ser reconstruções do passado (RICOEUR, 2012, p.237)

Todavia, não devemos contrapor história e literatura, pois se utilizam da escrita, da narrativa, sendo para a primeira um modo de representação, afinal são discursos que, segundo Hayden White (WHITE, 1991, p. 21), operam a linguagem. Além disso, a literatura também serve para o estudo da história ao levarmos em conta que utiliza uma cronologia e até eventos históricos para fundamentar seu discurso. Assim, por meio do estudo de um literato e de sua produção podemos entender o processo pelo qual dá sentido aos textos, a história contida não só no uso da linguagem, mas no que esta expressa. Sendo a literatura uma manifestação do pensamento e a história como uma projeção deste, as duas são necessárias para entender o ser humano.

Partindo dessa premissa utilizaremos as poesias de Gregório de Matos para pensarmos a Bahia setecentista e a América Portuguesa. Nosso objetivo é os aspectos socioculturais daquele contexto de um território colonizado por Portugal, em

¹ Trabalho exigido na disciplina de América Portuguesa II pela Prof.ª Dr.ª Maria Celma Borges.

² Acadêmica do 2º semestre do curso de História do campus de Três Lagoas da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul.

que este definia as relações raciais, as relações entre classes e o funcionamento da política, economia e religiosidade.

Em vista disso, analisaremos a sociedade do século XVII e a inserção de Gregório de Matos nela. Dessa forma, para entender suas poesias é preciso compreendê-lo, vê-lo como uma figura histórica passível de análise, com visões de mundo, valores e crenças que também são frutos de seu meio e do período em que vivia.

UM SUJEITO HISTÓRICO, SUA ESCRITA E A SOCIEDADE BAIANA

Segundo Edward Carr a sociedade e os indivíduos “são inseparáveis; eles são necessários e complementares um ao outro e não opostos”, somos partes de um todo: “Logo que nascemos, o mundo começa a agir sobre nós e a transformar-nos de unidades puramente biológicas em unidades sociais” (CARR, 2011, p.67). Dessa forma, podemos, através dos sujeitos, compreender o mundo que os circundam; por meio do sujeito Matos apreender sobre a sociedade que moldou seu pensamento.

Gregório de Matos Guerra nasceu na Bahia em 1623, na cidade de Salvador, foi educado em um colégio jesuíta e para aprofundar seus estudos partiu para Coimbra onde se formou em direito, conquistou grande fama e foi objeto de admiração. Todavia perdeu a amizade do rei, o agrado do povo e começou a ser perseguido por causa de suas publicações infames e suas ações petulantes. Então se viu obrigado a voltar para a colônia portuguesa onde, por motivos semelhantes, perdeu progressivamente a fama e o prestígio. Como punição por “perturbar a ordem”, foi deportado para Angola, depois regressou à América portuguesa onde morreu em 1696.

Assim o resumiu José Pereira da Silva, enfocando ainda o que serviu como base para as obras deste autor:

Gregório de Matos foi, sim, um fraco. Faltou-lhe ânimo para resistir à infelicidade, quando perdeu as boas graças do rei; não teve capacidade para adaptar-se a vida provinciana da Bahia, ele que brilhava na Europa, responsabilizou a sociedade inteira pela infelicidade que causava a injustiça da corte, e deu-se ao mais largado desregramento intelectual e moral, agredindo com a pena e escandalizando com o exemplo todos aqueles que o cercavam (SILVA, 2005, p. 123).

Todo o seu desagrado com o rei e com a sociedade da qual fazia parte reflete-se em seus escritos. Seus ataques proferidos durante sua permanência na América portuguesa em forma de poemas às grandes personalidades, à elite, à Igreja, aos de classes inferiores, pode significar também o descontentamento de quem se encontra “exilado” nas terras colonizadas, de quem passou boa parte de sua vida em Portugal e recebeu suas influências, ou seja, pode ser fruto de sua identificação como colonizador e é importante para pensar o olhar da Metrópole sobre a colônia, pois seu estudo como membro da sociedade portuguesa contribui na apreensão dos fatos históricos:

Os fatos históricos, são, aliás, fatos sobre indivíduos, mas não sobre ações de indivíduos desempenhados em separado e não sobre os motivos, reais ou imaginários, segundo os quais os próprios indivíduos supõem ter agido. São fatos sobre as relações de indivíduos entre si em sociedade e sobre as forças sociais que, a partir das ações individuais, produzem resultados que nem sempre concordam e, às vezes, se opõem aos resultados que pretendiam (CARR, 2011, p.87).

Assim, quais foram os motivos de ter escrito esses poemas? Quais eram seus objetivos? São questões que implicam uma observação da relação do autor com a sociedade baiana. Para compreendê-la é preciso localizar Salvador e o contexto histórico em que Gregório de Matos escreveu, do qual se observa:

Sede do governo geral desde 1549, centro da vida administrativa e jurídica da colônia, orientadora da vida religiosa, graças à posse do primeiro bispado; enriquecida com engenhos que se espalhavam pelo Recôncavo, a Cidade do Salvador, sede de um seminário onde se formavam os maiores espíritos da época, cresceu em fama, riqueza e projeção, a tal ponto que a ela vieram ter os holandeses quando da primeira invasão. Ao mesmo tempo por motivos vários, cresce a importância da colônia que tanto Portugal descuidara no século anterior. A criação do gado começa a se estender nos chapadões do Nordeste; o bandeirismo, quebrando a linha de Tordesilhas, amplia o território nacional; as minas, de pedras ou de metais preciosos, espalham aventureiros pelos sertões; o espírito nativista apura-se nas lutas que as três raças irmanadas – o branco, o índio e o negro – sustentam contra o estrangeiro invasor, mesmo desamparados da metrópole – começa a formar-se a aristocracia rural que será o esteio da unidade brasileira no futuro (SILVA, 2005, p.121).

Foi em meio a esses acontecimentos que se estruturou essa sociedade em que Matos se inseriu e, como depreendemos de suas poesias, sofreu com a ironia, cinismo, sátiras, críticas e a acusação de corrupção, injustiça, ineficiência, soberba e imoralidade proferidas pelo autor.

Ela constituiu-se, em sua diversidade, de políticos, negros e mulatos escravos e libertos que pelos diferentes relacionamentos de classe e raça imputaram outra convivência diversa da Metrópole; mercadores e comerciantes que ameaçaram a aristocracia rural formada pelos senhores de engenho, mas que ao mesmo tempo tinham uma necessidade recíproca; os burocratas portugueses ou descendentes que serviram à Metrópole; o clero introduzido nessa terra pela missão jesuítica; os pequenos proprietários necessários à agricultura de subsistência. Nisso se constituiu a peculiaridade da colônia, na formação de uma sociedade difusa, diversa, que impressionou e causou espanto ao colonizador, expresso aqui por meio do olhar de Matos.

Podemos aceitar as poesias como fonte na medida em que apreendemos de que forma o estudo da escrita pode ajudar no aprendizado da história. Para Hayden White, assim como a literatura o discurso histórico também opera a linguagem, está sob as mesmas regras e usa as mesmas estratégias de figuração linguística dos escritores imaginativos para seu discurso ter sentido, que também são atribuições de sua imaginação.

Diz ainda sobre a tropologia: “Ela fornece assim uma perspectiva sobre a linguagem a partir da qual se pode analisar os elementos e procedimentos combinatórios de discursos não-formalizados e, especialmente, pragmáticos” (WHITE, 1991, p.9). Ela fornece meios de analisar modos de associar palavras e pensamentos através das estruturas tropológicas da metáfora, metonímia, sínédoque, e da ironia, que ajudam numa classificação mais refinada dos tipos de discursos. Assim auxilia a responder de que forma a escrita, o uso da linguagem por Gregório de Matos pode atribuir sentidos às suas ideias. Ou seja, de que forma sua percepção do mundo é figurada num discurso poético:

É claro que ao falar de “história” Barzun não estava se referindo aos acontecimentos reais do passado, e sim ao aprendizado acumulado de sua profissão. Com essa breve observação, contudo, ele nos lembra algumas verdades que a moderna teoria da história vem regularmente tendendo a esquecer: a saber, que a “história” que é o tema de todo esse aprendizado só é acessível por meio da linguagem; que nossa experiência da história é indissociável de nosso discurso sobre ela; que esse discurso tem que ser escrito antes de poder ser digerido como “história”; e que essa experiência, por conseguinte, pode ser tão vária quanto os diferentes tipos de discurso com que nos deparamos na própria história da escrita (idem, 1991, p. 21)

Há, todavia, de se entender a configuração do barroco literário que não foi somente a “fôrma” das poesias de Gregório de Matos, o que “ordenou” sua escrita, mas que compreende uma linha de pensamento, uma visão de mundo decorrente do século XVII, faz parte da própria história da escrita.

BARROCO LITERÁRIO

Conforme Camila Hallack Loures e Raquel Ruff Peixoto (LOURES; PEIXOTO, 2003, p.1-2) este movimento literário nasce no período da Reforma Protestante e da Contrarreforma. O primeiro favoreceu a formação dos Estados Nacionais e a Revolução comercial ao defender a dessacralização do poder, assim teve grande adesão da classe burguesa e dos que acreditavam na possibilidade de ascensão social; o segundo contrariou os novos ideais e procurou estabelecer a antiga ordem, era basicamente um projeto do clero e da elite.

Paralelo a isso, em Portugal ocorreu a união ibérica, entre os anos de 1580 a 1640, que deixou um clima de medo e insegurança na colônia, propícios de serem expressos pelo barroco. No âmbito religioso ocorre o Concílio de Trento que reativou a Inquisição e a Companhia de Jesus, outra forma da Igreja reafirmar seu domínio.

É um momento histórico em que ocorreu a luta entre a burguesia, a nobreza e o Rei pela participação política, na qual o clero se inseriu. O barroco é caracterizado como o movimento da Contrarreforma, a forma como a Igreja e a nobreza encontraram de reafirmar seus valores através da arte, mas também foi utilizado por grupos de outras ideologias que readaptaram-no a seu favor.

Assinalam as autoras que é desse modo, em meio a crises e mudanças, que surgiu esse estilo suntuoso e ornamentado, marcado pelos contrastes, contradições e conflitos; pelo dualismo entre consciência do pecado e preocupação com a salvação; pelo bifrontismo e conflitos íntimos, pela consciência da passagem do tempo e da ideia de aproveitar a vida justamente por sua brevidade (LOURES; PEIXOTO, 2003, p.4-5).

Deve-se ressaltar que, como estilo artístico, o barroco literário foi utilizado com uma função ideológica pelas diversas classes, pela elite dominante que precisava afirmar suas riquezas e mérito, pela Igreja para mostrar seu poder material e espiritual; e também por outros sujeitos. Como afirma Costigan (1997, p. 611) era: um “modelo privilegiado pelas elites dominantes e, como código, usou a preservação

das normas e hierarquias sociais”, ao mesmo tempo em que configurou como “estratégia discursiva contra a política e o poder discriminatório metropolitano”. Por meio das poesias que analisaremos esse “barroco contraditório” de que Gregório de Matos se serviu.

AS POESIAS DE MATOS: O LÍRICO, SACRO E PROFANO

Conforme José Pereira da Silva (SILVA, 2005, p.124), as poesias de Gregório de Matos dividem-se em três tipos: lírica, sacra e profana; e foram escolhidas as que expressassem os principais aspectos socioculturais apreendidos pelo poeta, servindo-nos para pensar o porquê da escolha do autor em tratar um tema por meio de tal tipo; o não dito em sua escrita, e a intenção por trás do que foi dito. Ou seja, foram escolhidas, pois apreendemos por meio delas e de suas características o porquê de, por exemplo, usar a sátira para atingir a sociedade.

A poesia lírica é fruto de um individualismo e subjetivismo, de sentimentos e emoções pessoais. Nesse tipo se destaca a poesia lírico-amorosa, ou seja, voltada para os sentimentos e manifestações amorosas de um eu-lírico, expressos pelo autor de forma como se fossem seus próprios sentimentos, quando na verdade não o são necessariamente. Percebemos, nesse tipo de poesia, o dualismo de Matos ao representar a mulher ora de forma espiritualizada e platônica (nesse caso é branca); ora de forma erótica e sensual, (nesse caso é mulata). A representação da mulher branca pode ser observada numa poesia que escreveu em homenagem à beleza de dona Ângela:

Não vi em minha vida a formosura,/ Ouvia falar nela cada dia,/ E ouvida me incitava, e me movia/ A querer ver tão bela arquitetura.// Ontem a vi por minha desventura/ Na cara, no bom ar, na galhardia/ De uma Mulher que em Anjo de mentia,/ De um sol que se trajava em criatura.// Me matem (disse então vendo abraçar-me)/ Sabia o mundo, e tanto exagerar-me// Olhos meus (disse então por defender-me)/ Se a beleza hei de ver para matar-me,/ Antes, olhos, cegueis, do que eu perder-me.

Apesar de destacar a beleza que incita seu desejo, enfatiza também sua espiritualidade (“De uma Mulher, que em Anjo se mentia”). Faz então uma analogia entre sua aparência e o sol, talvez porque a cor dourada desse astro fosse semelhante ao dourado do seu cabelo, possivelmente loiro, ou porque fosse uma forma elevada e o poeta não podia alcançá-la, por isso sua angústia e desejo de ficar cego.

Já a representação da mulata pode estar ligada a um sentimento de brasilidade nessa exaltação de sua beleza e sensualidade. A “brasilidade” é apresentada por Novais (NOVAIS, 1997, p.14-39) como fruto de uma relação entre o público e privado em que se mostram as peculiaridades da colônia em relação à Metrópole, mas também pode ser percebido nas relações inter-raciais expressas pelos dois poemas seguintes, um que diz sobre “uma mulatinha” de quem o poeta quer ser amante e outro de uma mulata de nome Custódia que deverá chamar por nora e por quem tem muito desejo. Então prefere se casar com ela e tê-la por mulher do que vê-la como mulher de seu filho.

Minha rica mulatinha,/ Desvelo e cuidado meu,/ Eu já fora todo seu,/ E tu
foras toda minha://Juro-te minha vidinha,/ Se acaso minha que ser,/ Que
todo me hei de acender/ em ser teu amante fino/ pois por ti já perco o
tino,/ e cuida para morrer.

Nesta poesia percebemos o desejo do eu-lírico em possuí-la, em tornar-se seu amante, desejo que o faz “perder o tino”, mas está em seu alcance tê-lo amenizado, pois as duas partes já se pertenceram e basta que o desejo de estarem juntos seja recíproco para voltarem a se relacionar.

No trecho a seguir, o poeta escreve a Custódia com a proposta de se casarem como forma de sanar seu desejo pela mulata, ou seja, é fruto de um amor constituído de uma necessidade física. Ressalta a beleza e sensualidade e ao contrário do primeiro poema parece inexistir o elevado se atentarmos para o desejo do eu-lírico em raptá-la, o que o poeta jamais diria de uma mulher que é vista como um anjo e é objeto de admiração e não de desejo:

Por vida do meu Gonçalo, Custódia formosa, e linda, que eu não vi mulata
ainda,/ que me desse tanto abalo:/ quando vos vejo e vos falo,/ tenho um pesar
grande, e vasto/ de impedimento, que arrasto,/ por que pelos meus gostilhos/
fora eu Pai dos vossos Filhos/ antes que vosso Padrasto.// O diabo sujo, e tosco/
me tentou como idiota/ a pecar com Maricota,/ para não pecar convosco;/ mas
eu sou homem tão osco, que a ter notícia por fama,/ que lhe mamastes a mama,/
e eu tinha tão linda nora,/ então minha sogra, fora,/ e não fora minha Dama.//
Estou para me enforcar,/ Custódia, desesperado,/ e o não tenho
executado,/ porque isso é morrer no ar:/ quem tanto vos chega a amar,/ que quer
por mais estranheza/ obrar a maior fineza/ de morrer, por que a confirma,/ morra-
sena terra forme, se quer morrer com firmeza.// Já estou disposto d’agora/ a
meter-vos num batel,/ e dar convosco em Argel/ por casar com minha Nora;/ não
vos espante, Senhora,/ que me vença tal furor,/ que eu sei, que em todo o rigor/
o mesmo será, e mais é/ ir ser cativo em Salé,/ que ser cativo do Amor.”

Custódia é filha de outra mulata com quem o poeta já tivera relações no ímpeto de sanar seus desejos pela moça, mas não queria ser considerado seu padrasto. Ao mesmo tempo essa moça é noiva de seu filho, assim o impedimento para ela pertencer-lhe é o fato de ser sua nora. Isso lhe impõe tanto desespero que se vê disposto a fugir com Custódia e se casar com ela para que não se case com seu filho, o que lhe impediria de tê-la.

Apesar da proposta de casamento neste último poema percebemos diferenças no tratamento em relação à mulher branca e à mulata. Enquanto a primeira é vista como superior, objeto de admiração do poeta que lhe ressalta as qualidades morais e espirituais; a segunda é seu objeto de desejo e é descrita com erotismo. Por meio dessas poesias podemos constatar a visão que se tinha das mulheres, em que a diferença era sua cor da pele e condição social e econômica, portanto uma negra e mulata recebia um tratamento diferente de uma mulher branca até mesmo quanto às relações amorosas. Ronaldo Vainfas nos esclarece a percepção dessas mulheres de acordo com as concepções sobre as raças:

Provavelmente radica-se, nesse padrão de relações, a origem do velho ditado: 'branca pra casar, mulata pra foder, negra pra trabalhar', palavrório recorrente entre os homens daquele tempo. E até mesmo um Gregório de Matos, poeta francamente emprenhado em louvar as belezas das mulatas baianas, não excitava em degradá-las, nivelando-as por vezes à execrada negra. A sátira de Gregório sugere, segundo Hansen, que a negra e a mulata são sujas de sangue por definição; logo, por extensão semântica, os termos mulata e negra podem significar puta, independentemente outra qualificação (1997, p.241).

Essa diferença de tratamento também foi ressaltada por Silvia Hunold Lara quanto ao modo de se vestir das mulheres negras, escravas ou libertas, nos setecentos. Quando uma mulher branca se vestia com luxo indicava sua posição social, mas para uma negra e mulata a situação era diferente. Mesmo usando roupas luxuosas, a própria cor indicava sua condição social:

Na fala de bispos e governadores coloniais, os ricos ornamentos usados por mulheres de pele escura, não poderia ter outra origem senão aquele pecado. Impróprio do ponto de vista da religião e dos costumes, o luxo dessas mulheres não oferecia nenhum risco de embaralhar as distinções sociais. Havia, para eles, um elemento diferenciador, que funcionava como uma chave; a comutar luxo em luxúria: a cor da pele e a condição (livre ou escrava) daquela que portasse seda ou jóias de ouro. (2007, p. 99)

O segundo tipo de poesia é a sacra, de cunho religioso em que há o bifrontismo entre o teocentrismo medieval e o antropocentrismo renascentista, como observamos na seguinte poesia escrita pelo poeta e dedicada à Jesus Cristo, no último momento de sua vida:

Meu Deus, que estais pendente em um madeiro,/ Em cuja lei protesto de viver,/ Em cuja santa lei hei de morrer/ Animoso, constante, firme, e inteiro.// Neste lance, por ser o derradeiro,/ Pois vejo a minha vida anoitecer,/ É, meu Jesus, a hora de se ver/ A brandura de um Pai mando Cordeiro.// Mui grande é vosso amor, e meu delito,/ Porém pode por fim todo o pecar,/ Então o vosso amor que é infinito.// Esta razão me obriga a confiar,/ Que por mais que pequei, nesse conflito/ Espero em vosso amor me salvar.

Demonstra louvor ao Deus supremo que tem um amor tão grande quanto os pecados do poeta, e este roga e confia que Deus será misericordioso e o perdoará. Esta poesia mostra bem os conflitos de alguém que vive entre as leis de Deus e as leis dos homens, alguém perseguido com a ideia de morte e do além-vida. Assim é importante para compreender a religiosidade dos sujeitos que rege o modo de vida, valores e concepções de mundo.

O terceiro tipo de poesia é de caráter profano dando destaque à sátira que fez jus ao apelido de “Boca do Inferno”. A sátira “obriga a refletir sobre os erros, as perversidades e as injustiças; por isso, num tempo de crise de valores, gera verdade para a vida...” (NOGUEIRA, 2011, p.282). Destacamos duas poesias que resumem sua crítica aos sujeitos da sociedade bahiana. Uma tem como alvo os mercadores e as trocas comerciais que observa na Bahia:

Triste Bahia! Oh quão dessemelhante/ Estás, e estou do nosso antigo estado!/ Pobre e vejo a ti, tu a mi empenhado,/ Rica te vejo eu já, tu a mi abundante.// A ti tocou-te a máquina mercante,/ Que em tua larga barra tem entrado,/ A mim foi-me trocando, e tem trocado/ Tanto negócio, e tanto negociante.// Deste em dar tanto açúcar excelente/ Pelas drogas inúteis, que abelhuda/ Simples aceita do sangaz Brichote.// Oh se quisera Deus, Que de repente/ Um dia amanheceras tão sisuda/ Que fora de algodão o teu capote!”

Gregório de Matos, comparando dois períodos, percebe o quanto a Bahia de seu tempo está diferente da antiga Bahia, rica e abundante. Na sua crença de que ela foi corrompida pela “máquina mercante”, é possível perceber a sua crítica ao fato de que começam a aparecer comerciantes e a ser trocado o “açúcar excelente” pelas “drogas inúteis” dos ingleses, o algodão por tecidos importados, ou seja, foram

os comerciantes os responsáveis por sua decadência ao usurpar as riquezas do território.

Além de uma crítica ao comércio entre a colônia e a Inglaterra é uma crítica às transformações sociais e economias, às trocas desiguais, ao capitalismo e ao mercado ascendente que ameaça hegemonia da antiga nobreza.

Segundo Costigan:

Semelhante ao caso do intelectual de hoje em dia, em que se encontra perpassado pela vivência mundializada de influências estrangeiras e pelas mudanças socioeconômicas e políticas, que trazem como consequência o desbaratamento do meio-ambiente e das culturas locais, também o letrado do período barroco, cuja função social não estava definida, e que dependia de favores de membros da corte, hesitava diante das mudanças socioeconômicas, vendo-as como um fator que poderia afetar sua situação como letrado. Com reação ao nascente capitalismo que já no século XVI ameaçava introduzir na colônia o sistema de troca comercial enfatizado pelo novo modelo econômico, que fomentava, mais que o mercantilismo, a dilapidação do meio ambiente, e que provoca mudanças de hábitos, de comportamentos, e de valores. (1997, p.609)

A seguinte poesia, de nome “Epílogos”, tem como alvo pessoas de diversas classes, sem “Verdade, honra, vergonha” devido ao “negócio, ambição, usura”, que estimam por riqueza “pretos, mestiços e mulatos”. O poeta tece críticas às autoridades policiais e militares, consideradas corruptas, pois roubam causando pobreza à massa populacional não beneficiada por favores da nobreza. Desfere ainda severas palavras à justiça que é parcial e privilegia uns; o clero secular que vendia bens religiosos; os frades que praticavam sermões, mas andavam com “putas”; às crises causadas pelas vendas do açúcar que atingiam a população e às autoridades que se ausentavam em ajuda-los.

“Que falta essa cidade?...Verdade./Que mais por sua desonra?... Honra./ Falta mais que se lhe ponha?... Vergonha.// O demo a viver se exponha./ Por mais que a fama a exalta./ Numa cidade onde falta/ Verdade, honra, vergonha.// Quem a pôs neste socrócio?... Negócio./ Que causa tal perdição?... Ambição./ E o maior desta loucura?... Usura.// Notável desventura/ De um povo néscio e sandeu./ Que não sabe o que perdeu/ Negócio, ambição, usura.// Quais são seus doces objetos... Pretos./ Tem outros bens mais maciços?... Mestiços./Quais deste lhe são mais gratos?... Mulatos.// Dou ao demo os insensatos,/ Deou ao demo a gente asnal./ Que estima por cabedal/ pretos, mestiços, mulatos.// Quem faz os círios mesquinhos?... Meirinhos./ Quem faz as farinhas tardas?... Guardas./ Quem as tem nos aposentos?... Sargentos.// Os círios lá vem aos centos,/ E a terra fica esfaimando,/ Por que os vãos atravessando/ Meirinhos, guardas, sargentos.// E que a justiça a resguarda?... Bastarda./ É grátis distribuída?... Vendida./ Que tem que a todos assusta?... Injusta./ Valha-me

Deus o que custa/ O que El-Rei nos dá de graça,/ Que anda a justiça na praça/
Bastarda, vendida, injusta.// Que vai pela cleresia?... Simonia./ E pelos membros
da Igreja?... Inveja./ Cuidei que ais se lhe punha?... Unha./ Sazonada
caramunha,/ Enfim que na Santa Sé/ O que mais se pratica é/ Simonia, inveja,
unha// E nos frades há manqueiras?... Freiras./ Em que ocupam os serões?...
Sermões/ Não se ocupam em disputas?... Putas.// Com palavras dissolutas/ Me
concluí na verdade,/ Que as idas todas em um Frade/ São freiras, sermões e
putas.// O açúcar já se acabou?... Baixou./ E o dinheiro se extinguiu?... Subiu./
Logo já convalesceu?... Morreu.// À Bahia aconteceu/ O que a um doente
acontece,/ cai na cama, o mal lhe cresce,/ Baixou, subiu, e morreu.// A Câmara
não acode?... Não pode./ Pois não tem todo poder?... Não quer./ É que o
governo a convence?... Não vence.// Quem haverá que tal pense,/ Que uma
Câmara tão nobre,/ Por ver-se mística e pobre,/ Não pode, não quer, não vence.

Essas pessoas constituíam a Bahia setecentista e se tornam alvo do poeta na medida em que ele as observa em relação à Metrópole, identificando as diferenças desses dois espaços. Nessas terras coloniais onde tudo tinha outro posicionamento, outra dinâmica das relações sociais e políticas, existe também a inversão do público e privado trabalhado por Fernando A. Novais:

Do fundo das estruturas básicas da colonização emergem, portanto, situações de vida muito características, e que enquadram as manifestações do cotidiano e da intimidade das populações coloniais; como que uma camada intermediária, pela qual se articulavam aquelas estruturas fundantes e a recorrência dos acontecimentos. Delineava-se, assim, uma camada intermediária de sensações – distanciamento, descontinuidades, clivagem, etc. – que iam balizando as manifestações do cotidiano, em meio às quais ia se formando algo que poderíamos pensar como uma mentalidade colonial, esboço de uma fugidia identidade nacional em geração (NOVAIS, 1997, p.14-39).

Essa inversão também pode ser percebida através das relações pessoais e intimidades expostas pelo poeta, a promiscuidade dos sujeitos e a falta de privacidade que Ronaldo Vainfas ressalta: “Vizinhança de parede-meia na cidade, casas devassadas no meio rural, promiscuidade, assim transcorria o dia-a-dia da Colônia, ao que se deve acrescentar a escassez da população e a baixa densidade demográfica dos povoados e vilas” (1997, p.226).

Cabe destacar também a clivagem – existente no ambiente colonial e referida no poema – em dois estratos, dos dominantes e dominados, senhores e escravos, tão clara nas poesias quanto à vivência no dia-a-dia da colônia e que Novais coloca como sendo sustentada pelo comércio de escravos. É uma contradição na medida em que há um confronto entre nobres e comerciantes, mas estes dois precisam um do outro para manter seus privilégios, na medida em que os

senhores precisam de escravos para trabalhar e mostrar seu status e os mercadores necessitam dos senhores para que os comprem.

Destacamos também o preconceito demonstrado aos negros, mulatos e mestiços e por aqueles que os “estimam por riqueza” na 5ª e 6ª estrofe implicitamente. Pressupomos que isso pode estar relacionado ao número crescente desses sujeitos na colônia, como afirma Silvia Hunold Lara (2007), ao trazer a questão para o Rio de Janeiro e tratar sobre a relação da presença de negros e mulatos nas hierarquias sociais e na política colonial. A esses sujeitos eram atribuído crimes, o prejuízo dos lavradores, a prostituição, principalmente aos forros “que nada faziam” e eram vistos como “pragas” do sistema.

Observa Lara, após apontar um trecho da carta do Conde de Resende sobre esses sujeitos, que: “Crescendo em volume mais rapidamente no século XVIII, o tráfico alimentava uma concentração de escravos que em geral representava entre 30% e 50% do total da população, mas que podia chegar a mais de 70% em algumas regiões açucareiras e mineradoras”. (LARA, 2007, p. 17).

Então, a crítica do poeta pode estar ligada ao número crescente de negros e mulatos escravos que recebiam um tratamento de inferioridade, pautado na ideia de raça. Lara discute os significados dessa presença massiva de negros e mulatos na colônia, o papel do tráfico negreiro, a presença da escravidão e da miscigenação que “aparecem sob outra chave, para acentuar distâncias geográficas, sociais e culturais” (LARA, 2007, p.28). Dessa forma, o número crescente de escravos era significativo na medida em que sua presença causava mudanças na sociedade, na constituição das classes, no exercício do poder, na miscigenação e formação de uma brasilidade, ou seja, distanciavam a colônia da Metrópole; se constituía em uma peculiaridade da primeira.

Quanto aos negros e mulatos livres, Laura de Mello e Souza (SOUZA, 1986, p.87-95) os aponta como os desclassificados que são aqueles criticados por Gregório de Matos ao falar das mazelas da Bahia e das multidões que nada faziam. Não obstante a desclassificação racial havia a desclassificação social e econômica.

Para finalizar, destacamos também o clero que Gregório apresenta como corrupto e que não cumpre com os votos de celibato prestados à Igreja. Para Nóbrega eram “useiros em dar mau exemplo, amancebados com as índias, fornicários. ‘A evitar pecados [este clero] não veio, nem se evitarão nunca’; melhor

que não viesses, que não se embarcasse sacerdote ‘sem ser sua vida muito aprovada’”(apud VAINFAS, 1997, p.233).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O ponto de partida desse trabalho foi a importância da literatura em oferecer fontes por meio das quais se pode analisar determinado período. Todavia, a dificuldade está em estabelecer o que há de objetivo no subjetivo da literatura. Em meio a valores, crenças, visões de mundo de quem escreve existe o que possui de objetivo, a “verdade histórica”, mas essa verdade depende da subjetividade, de todo esse contexto de significações inseridos no processo de criação.

Levando isso em conta podemos constatar que uma literatura que propõe tratar objetivamente de fatos ou figuras históricas, de determinados aspectos da existência, muitas vezes não o faz como uma literatura altamente fictícia:

Por si só não é histórica aquela literatura que compete com a crônica pura e simples dos fatos ou inclui em sua matéria eventos e figuras decalcadas diretamente sobre a existência real. Entretanto, poderá sê-lo (e com maior força de convicção) aquela que, embora totalmente fictícia, assume como preocupação central a História e a expressão de uma visão histórica. (CHAVES, 1999, p. 21)

Ao buscarmos entender de que forma configuram-se os poemas de Matos, procuramos mostrar que suas obras são importantes para entender o período em que viveu. Portanto, as poesias de Mato, apesar de não serem produzidas com a intenção principal de demonstrar fatos e sujeitos e com a intenção de deixar para a posteridade, atinge esse objetivo na medida em que expõe sua visão de mundo, pela qual podemos nos indagar se Gregório de Matos estava à frente de seu tempo, utilizando-se de seus poemas para denunciar as mazelas de sua sociedade; ou se era fruto dele e suas poesias decorrentes de seu descontentamento com a vida, representando o olhar do colonizador sobre as terras e os habitantes da colônia. Dessa forma, é muito mais do que fruto das necessidades do autor em expressar seus sentimentos.

REFERÊNCIAS

- CARR, Edward. A sociedade e o indivíduo. In: *Que é história?* São Paulo: Paz e Terra, 2011.
- CHAVES, Flávio Loureiro. *História e literatura*/ Flávio Loureiro Chaves. – 3.ed. amp. – Porto Alegre: Ed. Universidade/ UFRGS, 1999.
- COSTIGAN, Lúcia Helena. Literatura, meio-ambiente e questões sócio-antropológicas: letrados barrocos e intelectuais pós-modernos. In: *Revista Iberoamericana*. Vol. LXIII, núm. 181, outubro-diciembre, 1997.
- LARA, Sílvia Hunold. *Fragmentos Setecentistas: escravidão, cultura e poder na América Portuguesa*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- LOURES, Camila Hallack; PEIXOTO, Raquel Ruff. A Literatura barroca no Brasil. In: *Psicanálise e Barroco em revista*, v.10, n.2. UFJF, 2003.
- NOGUEIRA, Carlos. *A sátira de Gregório de Matos*. Língua e Letras, v.12, nº23, p.271-285, 2011.
- NOVAIS, Fernando. Condições de privacidade na colônia. In: Novais, Fernand; Souza, Laura de Mello (orgs.). *História da vida privada no Brasil*, vol.1. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.
- RICOEUR, Paul. A realidade do passado histórico. In: *Tempo e narrativa* Vol. 03: O tempo narrado. São Paulo: wmfmartinsfontes, 2011.
- RIBEIRO, Luis Filipe. *Literatura e história: uma relação muito suspeita*. Geometrias do Imaginário. Santiago de Compostela: Edicións Laiovento, 2000.
- SILVA, José Pereira da. *O barroco no Brasil: Gregório de Matos e Vieira*. SOLETRAS, Ano V, Nº 09. São Gonçalo: UERJ, Jan/Jun. 2005.
- SOUZA, Laura de Mello e. *Desclassificados do ouro: a pobreza mineira no séc. XVIII*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Graal Editores, 1986.
- VAINFAS, Ronaldo. Moralidades brasílicas: deleites sexuais e linguagem erótica na sociedade escravista. In: *História da vida privada no Brasil: cotidiano e vida privada na América portuguesa/ organização Laura de Mello e Souza*. – São Paulo: Companhia das Letras, 1997.
- WHITE, Hayden. Teoria literária e escrita da história. In: *Estudos históricos*, vol. 7, n. 13, p. 21-48. Rio de Janeiro, 1991.

FONTES

Antologia poética de Gregório de Matos / Gregório de Matos: apresentação de Leodegário A. de Azevedo Filho: seleção de Walmir Ayala – Rio de Janeiro: Ediouro: São Paulo: Publifolha, 1997.

<http://valiteratura.blogspot.com.br/2010/08/discreta-e-formosissima-maria-enquanto.html>

http://blogdangela.blogspot.com.br/2011_03_01_archive.html